

O EVANGELHO SARAMAGUIANO E A INVERSÃO PARÓDICA DO TEXTO BÍBLICO

Patrícia Conceição Silva Santos (UNIJORGE)¹

RESUMO: O nosso trabalho retrata a paródia do texto bíblico na obra saramaguiana, a partir da seleção de trechos dos evangelhos sinóticos, em que procuramos demonstrar a atitude do narrador de revisitação do mito cristão como forma de questionar seus dogmas, e propor outra visão, aberta ao diálogo como mais uma possibilidade de leitura da vida de Jesus, situando-se ao lado de outras obras que também se propuseram a tal tarefa. A escolha deste tema deve-se a importância que a paródia adquiriu na atualidade como um meio de resgatar o passado fazendo-o dialogar com o presente. Foram usadas como fontes, essencialmente, os Evangelhos sinóticos contidos n'A Bíblia de Jerusalém, o romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago e, obras teóricas que versam sobre a paródia, a carnavalização e o Realismo grotesco, tais como *Uma teoria da Paródia*, de Linda Hutcheon e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin.

Palavras-chave: Paródia. Evangelhos sinóticos. Texto ficcional. Diálogo.

A obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago adota uma atitude paródica em relação ao texto bíblico original na construção da obra como um todo, e mais especificamente, na caracterização da personagem Jesus. A sua trajetória no romance constitui-se numa retomada de alguns episódios bíblicos, interpretados sob a óptica humanizadora, em que o narrador, através de recursos como a carnavalização e o realismo grotesco, arrisca-se em tecer alguns questionamentos dos valores tidos como verdadeiros e indiscutíveis pelo texto original.

O conceito de paródia que nos parece mais apropriado para a análise da obra referida, relaciona-se aos pressupostos teóricos de Linda Hutcheon (1985) ao conceber a paródia como “canto paralelo”, na qual não existe sobreposição de nenhum dos textos - original e o paródico; ao invés disso, as vozes presentes na obra dialogam entre si, aproximando-se no momento em que revisitam a tradição através dos sinóticos, ao

¹ Patrícia Conceição SANTOS, Doutora em Letras (USP)
Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE)
patriciaconceicao@uol.com.br

mesmo tempo em que afastam-se do texto bíblico original ao proporem uma releitura da vida de Jesus.

De acordo com os pressupostos teóricos referidos, a função da paródia na contemporaneidade consiste em adotar uma postura crítica e dialógica e, não simplesmente a de negação do texto original.

O evangelho saramaguiano retrata uma visão ficcional e não doutrinária da vida de Jesus, como podemos perceber através do seu perfil de obra aberta, com o objetivo de nos proporcionar uma leitura em que a nossa participação como leitores é essencial na ressignificação do texto.

Ao tecer um comentário publicado em seu artigo *Confluências textuais no (Des) Evangelho segundo José Saramago*, Salma Ferraz caracteriza a obra saramaguiana em questão da seguinte forma:

[...] se configura não como uma narrativa propriamente, e sim [...] como um vitral colorido e multifacetado, absorvendo, transformando-se, reescrevendo, ironizando, replicando um sem número de textos com os quais dialoga, transformando-se assim num rico espelho que reflete em si pinturas, escrituras e poesias, enfim um calidoscópio desvangelizador, no qual os únicos canonizados são os pobres seres humanos (FERRAZ, 1997 p.35).

Logo no início da obra, o narrador do *evangelho* saramaguiano nos chama a atenção para o caráter ficcional do seu texto. Esta ideia é expressa na abertura do romance, em que é feita uma reconstituição verbal da gravura de Durer, e na qual, ele nos alerta que a história narrada não é a realidade: “[...] Nenhuma dessas coisas é real o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada [...]” (SARAMAGO, 1995, p.19).

Ao relatar a crucificação de Jesus na gravura de Durer o narrador nos chama atenção para o gesto humano de um anônimo que, ao assistir à agonia dos homens, fez o que pôde para aliviar “as securas mortais dos três condenados e não faz diferença entre Jesus e os ladrões, pela simples razão de que tudo isto são coisas da terra, que vão ficar na terra, e delas se faz a única história possível” (SARAMAGO, 1995, p. 20). Nesta descrição podemos enxergar uma antecipação do enfoque humanizador que será dado à trajetória de Jesus no romance.

Acreditamos que o romance como um todo representa um questionamento da existência trágica de Jesus, em que a personagem, ao se deparar com a fatalidade de seu destino, tentará de todas as formas possíveis livrar-se do papel que lhe fora reservado, ao perceber que nada poderia fazer para livrar-se do peso da responsabilidade de salvar toda a humanidade da sua culpa.

Entendemos que, a caracterização da figura de Jesus na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é composta por uma visão carnavalesca, de acordo com o princípio bakhtiniano, no qual a carnavalização permite, numa esfera de relacionamentos livres, aproximar o homem do mundo e vice-versa, com alegria nas mudanças e sua constante relatividade se opondo [a tudo que seja] oficial, moroso, monológico, dogmático e que “visa, sobretudo a manutenção da ordem social” (BAKHTIN, 1993, p.7).

Ainda sobre o conceito de carnavalização é importante ressaltar os pressupostos defendidos por Stam (1992) em que ele sustenta a ideia de que ela nivela as divisões hierárquicas, abole “as classes sociais, e cria outra vida [e que] durante o carnaval, tudo o que é marginalizado e excluído - o insano, o escandaloso, o aleatório; se apropria do centro, numa explosão libertadora” (STAM, 1992, p. 43). O princípio corpóreo material - fome, sede, defecção, copulação, torna-se uma “força positivamente corrosiva do riso festivo [quando] celebra uma vitória simbólica sobre a morte, sobre tudo que é considerado sagrado, sobre tudo aquilo que oprime e restringe” (STAM, 1992, p. 43).

Quanto ao “realismo grotesco”, nos baseamos na concepção bakhtiniana, que o concebe como um “sistema de imagens da cultura cômica popular”, em que existe a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é “elevado, espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1993, p. 17).

Ainda segundo Bakhtin(1993), apesar do realismo grotesco ter sofrido algumas deturpações com o passar dos tempos, desvirtuando dessa forma o seu real sentido, que é o de mostrar a carnavalização do mundo como um ato universal e repleto de ousadias de cunho afirmativo, ele ainda preserva características primitivas. No trecho a seguir, o autor define o papel reservado à carnavalização:

[...] iluminar a ousadia da invenção, associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante, ajudar a liberar-se do ponto de vista

dominante sobre o mundo, de todas as convenções e de elementos banais e habituais comumente admitidos; permitir olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe e, portanto, permitir compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo (BAKHTIN, 1993, p. 30).

Nesta mesma linha, o estudioso prossegue o seu raciocínio no que se refere ao realismo grotesco, à qual acreditamos ser possível relacionarmos com as passagens bíblicas contidas no evangelho saramaguiano aqui analisado:

[...] o verdadeiro grotesco não é de maneira nenhuma estático: esforça-se, aliás, por exprimir nas suas imagens o devir, o crescimento, o inacabamento perpétuo da existência [nele] a velhice está grávida, a morte está prenhe, tudo que é limitado, fixo, acabado precipita-se para o inferior corporal para aí ser refundido e nascer de novo. (BAKHTIN, 1993, p. 46).

Nos trechos bíblicos revisitados pelo romance referido e selecionados para este artigo, percebemos esta visão relativizadora do mundo, inerente à cosmovisão carnavalesca e grotesca, o que revela a intenção do narrador saramaguiano em priorizar o aspecto mundano do seu evangelho. Entre algumas destas passagens serão retomadas: “a concepção”, “o nascimento”, “a infância”, “a adolescência”, “a fase adulta demarcada pelo seu relacionamento com Maria de Magdala”, “o encontro com Deus e o diabo no centro do mar”, “o discurso para a multidão”, “a caminho do palácio de Pilatos”, “o interrogatório” e “a crucificação”.

A trajetória de Jesus, na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, inicia-se com a sua *concepção*. Podemos fazer um paralelo entre este episódio e *A anunciação* em que é relatada a visita de um anjo a Maria para anunciar-lhe a sua gravidez divina: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, p. 1927).

Já no romance a forma como Jesus é concebido, constitui-se numa das visões carnavalescas da personagem, em que é travado um diálogo entre os planos divino e humano, espiritual e material, que aparece simbolizado na mistura da semente de Deus com a de José, que se une a Maria pelo contato carnal:

[...] Deus, que está em toda parte, estava ali, mas, sendo aquilo que é, um puro espírito, não podia ver como a pele de um tocava a pele do

outro, como a carne dele penetrou a carne dela, criadas uma e outra para isso mesmo, e, provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado [...] (SARAMAGO, 1995, p. 27).

O nascimento de Jesus no texto bíblico é relatado de forma a ressaltar o seu caráter profético, a simbologia representada pelos presentes oferecidos pelos magos serve para enfatizar esta ideia. Enquanto no romance, este episódio é retomado de forma carnalizada, em que sobressai o aspecto “material e corporal” à qual se refere Bakhtin na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*:

[...] Já a criança pode nascer, afinal um estábulo serve tão bem como uma casa, e só quem nunca teve a felicidade de dormir numa manjedoura ignora que nada há no mundo que se pareça mais com um berço [...] (SARAMAGO, 1995, p. 82).

No trecho a seguir, observamos como o “nascimento” de Jesus é rebaixado à condição terrena, e, na qual, a ênfase recai sobre a valorização do “baixo” - ligado ao sentido “cósmico” e “corporal”, típico do realismo grotesco:

[...] lembremo-nos de que tudo isso é sujo e impuro desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue e as humidades, os corrimentos, o rebentar das águas, as repugnantes secundinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens nascessem da imundície [...] (SARAMAGO, 1995, p. 82).

A simbologia contida nas oferendas dos pastores - leite, queijo e pão, na visita deles à manjedoura, remonta às coisas terrenas que, por sua vez, constitui outro exemplo de tratamento carnavalesco dado ao nascimento de Jesus no evangelho saramaguiano.

A fase que compreende a infância do nazareno é relatada nos sinóticos, de forma a transmitir o seu caráter profético. Dentre as passagens bíblicas que remetem a esta ideia, podemos citar a visita da família de Jesus ao templo, onde o menino é abençoado pelo velho Simeão, e pelo anúncio das profecias de Ana, na qual afirmava que a vinda do menino ao mundo significava a redenção de Jerusalém. Já no romance a “infância de Jesus” é apresentada de forma que o narrador põe em evidência o “caráter humano” da personagem, e nos mostra uma criança comum como as demais, destituída de qualquer

poder sobrenatural, ou de qualquer sinal diferenciador das demais pessoas na sua idade. Como forma de elucidar a cosmovisão carnavalesca de que é revestida essa passagem, o narrador faz uso da linguagem familiar, tal como concebida por Bakhtin, como podemos constatar no trecho a seguir:

[...] Maria olha o seu primogênito, que por ali anda gatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas [...] (SARAMAGO, 1995, p.128).

A adolescência de Jesus nos *evangelhos* sinóticos é relatada de maneira a nos envolver numa áurea espiritual que continuará em todo o relato da sua trajetória desde a sua infância até a crucificação. Uma dessas passagens relata a ida da família para a festa da páscoa, no momento em que Jesus completa doze anos. Quando os seus pais retornam, ele continua entre os doutores, o que os faz retornar para buscá-lo. No instante em que foi interrogado pela mãe, sobre o motivo pelo qual, agira daquela forma, ele responde: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai? (A Bíblia de Jerusalém, 1995: 1932).

Já no *evangelho* saramaguiano, esta fase é marcada pela sua saída de casa, após tomar conhecimento da omissão do seu pai no caso da matança dos inocentes. Depois disso, ele resolve ir ao Templo, a procura de respostas para suas dúvidas, e resolve percorrer o itinerário, feito pelos seus pais antes da sua origem. Assim o narrador descreve a sua atitude:

[...] Este rapaz que vai a Jerusalém [...] talvez não seja exactamente uma águia de perspicácia, um portento de inteligência, mas é merecedor do nosso respeito, tem, como ele próprio declarou, uma ferida na alma [...] foi à procura do mundo, quem sabe para multiplicar as feridas e fazer, com todas elas juntas, uma única e definitiva dor [...] (SARAMAGO, 1995, p. 200).

A ida de Jesus ao templo revela-se como uma busca para os seus questionamentos sobre a culpa herdada do seu pai. Ao que o escriba responde: “[...] A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 213). No trecho em que Jesus visita a cova onde nasceu, o narrador comenta a

atitude egoísta própria dos adolescentes, fazendo referência ao caráter humanizado da personagem:

[...] Foi-se embora Zelomi no seu vacilante andar de velha, passo a passo palmando a firmeza do chão com o seu cajado [...] ora mais bonita acção teria sido a do rapaz se tivesse ajudado a pobre e sacrificada criatura a regressar a casa, mas a juventude é assim, egoísta, presunçosa e Jesus, que ele saiba, não tem motivos para ser diferente dos da sua idade [...] (SARAMAGO, 1995, p. 222).

Outro episódio marcante da adolescência do Jesus saramaguiano é o seu encontro com o pastor com quem permanecera por quatro anos. Durante este período, eles terão inúmeros diálogos, que servirão de aprendizado para Jesus. Dentre eles, teremos as questões ligadas ao corpo, nas quais o pastor defende a premissa de que todas as partes do corpo são obras divinas, logo o contato corporal não deve ser condenado, tal como sucedera com Adão e Eva, que foram expulsos do paraíso. Outro episódio que demonstra a atitude inconformista de Jesus é o da sua recusa em sacrificar um cordeiro, na sua visita ao templo no período da páscoa. Nesta atitude, percebemos os sinais do seu aprendizado com o pastor de valorizar a vida e não sacrificar, como mandam as leis do Torá:

[...] Jesus, como se uma luz houvesse nascido dentro dele, decidiu contra o respeito e a obediência, contra a lei da sinagoga e a palavra de Deus, que este cordeiro não morrerá, que o que tinha sido lhe dado para morrer continuará vivo [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 250).

O encontro com Deus no deserto e a aliança firmada entre eles, representa o início da tomada de consciência de Jesus, quanto à submissão da sua existência aos desígnios do “Todo poderoso”. Neste momento, o protagonista irá tomar consciência do papel que lhe cabe no contrato selado com Deus:

[...] Trouxeste-me aqui, que queres de mim, [...] Por enquanto nada, mas um dia hei-de querer tudo [...] Terás o poder e a glória [...] Tornarás a encontrar-me quando estiveres preparado, mas os meus sinais acompanhar-te-ão desde agora [...] e não te esqueças, a partir de hoje pertences-me pelo sangue [...] (SARAMAGO, 1995, p. 264).

Na passagem do seu retorno a Nazaré, após a sua expulsão do rebanho pelo pastor, por ter sacrificado a ovelha, percebemos mais uma vez, os traços carnavalescos da personagem, em que os seus aspectos corporais são enaltecidos como revela o trecho

em que o narrador comenta que, Jesus como qualquer rapaz da sua idade, tem sensações de gozo ao avistar uma mulher despida, que se banhava nas águas do rio Jordão; o que o faz lembrar as palavras do pastor: “[...] Não és ninguém se não te quiseres a ti mesmo, não chegas a Deus se não chegares primeiro ao teu corpo [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 270).

A passagem bíblica da “unção em Betânia” marca o encontro de Jesus com Maria de Magdala. Esta passagem é retomada no *evangelho* saramaguiano, sob a óptica do realismo grotesco, como podemos perceber no trecho em que Jesus com os pés feridos de tanto caminhar rumo a Nazaré pára em frente à casa de Maria de Magdala e, sem conhecê-la, pede-lhe ajuda para aliviar o seu sofrimento. Neste momento, ela o acolhe em sua casa e, trata-lhe das feridas com água e unguento:

[...] A mulher ajudou-o a entrar para o pátio, trancou a porta e fê-lo sentar-se, Espera, disse. Foi dentro e voltou com uma bacia de barro e um pano branco e, ajoelhando-se aos pés de Jesus [...] lavou-o cuidadosamente, limpando-o da terra, amaciando a crosta estalada através da qual surdia, com o sangue, uma matéria amarela, purulenta, de mau aspecto [...] agora posto o pé dele sobre o joelho dela, lhe cobria de unguento a ferida [...] (SARAMAGO, 1995, p. 278-279).

O relacionamento corporal de Jesus com Maria de Magdala representa o seu ingresso na fase adulta. Nele, observamos a presença do “contato familiar” e a valorização do “baixo corporal” - de que nos fala Bakhtin na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* que se caracteriza pela intimidade entre os seres dotados de liberdade sem restrições e confissões abertas em que se desconhecem quaisquer barreiras, sejam elas de ordem moral, econômica ou sexual.

À Maria de Magdala é atribuído o papel de mãe e amante, ao mesmo tempo, uma vez que, o nascimento de Jesus como homem se dá em sua companhia. Com ela, Jesus terá lições práticas de vida, que nos remetem aos diálogos travados entre ele e o pastor no deserto: “[...] este homem e esta mulher tinham dividido e multiplicado entre si os sentimentos e os gestos, os espaços e as sensações, sem excessivos respeitos de regra, norma ou lei [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 290).

A obra saramaguiana retoma o episódio da *Tentação no deserto*, dando-lhe outra direção. Pois, enquanto no texto bíblico ele é marcado pela presença da idéia

maniqueísta do bem sendo tentado pelo mal, com a vitória do primeiro, no romance este princípio é questionado, tal como veremos no encontro entre Jesus, Deus e o pastor, em que percebemos o diálogo entre as três personagens que marca a presença da carnavalização em que o bem e o mal, o espiritual e o carnal parecem manter uma relação de reciprocidade e de dependência mútua, ou seja, um não existe sem o outro. Nele, Jesus tomará consciência da sua filiação divina. Neste momento, ele tentará livrar-se da sua aliança com Deus, mas percebe que o seu destino já estava traçado desde a sua concepção: “[...] O que tu és meu filho, é o cordeiro de Deus, aquele que o próprio Deus leva ao seu altar, que é o que estamos preparando aqui [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 374).

Além disso, Jesus fica sabendo que, após a sua morte, haverá guerras como as cruzadas e inúmeras mortes, para que o objetivo de Deus de propagar o cristianismo seja alcançado. Em seguida, o pastor aparece na barca, e senta-se entre Jesus e Deus. Quando olha para os dois, Jesus nota que parecem gêmeos e, que dependem entre si, pois tudo que interessa a um também interessa ao outro. Num determinado momento, Deus culpa o pastor pelas “importunações da carne” e pelo desvio das almas do caminho do céu: “[...] mulheres nuas e monstros pavorosos, criaturas da aberração, a luxúria e o medo, são as armas com que o demônio atormenta as pobres vidas dos homens [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 386).

Por sua vez, a figura do pastor que no romance adota uma feição tanto misteriosa quanto humanizada ao defender a importância dos prazeres corporais; retruca as acusações:

[...] limitei-me a tomar para mim aquilo que Deus não quis, a carne, com a sua alegria e sua tristeza, a juventude e a velhice, a frescura e a podridão, mas não é verdade que o medo seja uma arma minha, não me lembro de ter sido eu quem inventou o pecado e o seu castigo e o medo que neles há sempre[...] (SARAMAGO, 1995, p. 386).

A atitude crítica - adotada pelo romance em relação ao maniqueísmo presente no texto bíblico; encontra a sua expressão máxima na tentativa do pastor de redimir-se ao bem, que tem como seu representante máximo - Deus. No entanto, este recusa-se a aceitar a proposta, assim justificando-se:

[...] Não te aceito, não te perdôo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora [...] Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, [...] enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro [...] (SARAMAGO, 1995, p. 393).

Na passagem em que Jesus discursa para uma multidão notamos características carnavalescas, em que o discurso da autoridade transforma-se em submissão. Podemos fazer um paralelo deste episódio com vários discursos de Jesus, presentes nos *evangelhos* sinóticos, entre eles *Como receber e transmitir o ensinamento de Jesus*, no qual ele assegurava aos que tinham fé, a recompensa no futuro: “Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça! [...] Com a medida com que medis será medido para vós, e vos será acrescentado ainda mais [...]” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, p.1903).

Outro discurso, no qual podemos fazer uma ligação com o texto saramaguiano está na passagem *Condições para seguir Jesus*, em que ele chama a multidão e os seus discípulos, e anuncia: “(...) De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, p.1910)

No *evangelho* saramaguiano, o papel de Jesus é invertido, pois é ele quem pede desculpas à multidão pelas catástrofes que virão após a sua morte. Jesus vê-se forçado por Deus, que naquele momento o vigiava, a fazer promessas de um paraíso na terra àqueles que se arrependessem dos seus pecados. Como se sentiu mais livre, naquele dia, do controle de Deus sobre seus atos, ele improvisa um discurso que provocou nos presentes uma momentânea alegria: “[...] bem aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus, bem aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados, bem aventurados vós, os que chorais, porque haveis de rir [...]” (SARAMAGO, 1995, p.404). Ao que Deus intervém e obriga Jesus a pronunciar outras palavras que provocam o pavor e a indignação dos ouvintes: “[...] Bem aventurados sereis quando os homens os odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome infame, por causa do filho do homem [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 404). Nesse momento, Jesus recorda-se das palavras de Deus sobre as mortes

que deveriam ocorrer no futuro para que os seus objetivos fossem cumpridos e, diante da sua impotência perante a multidão, que o observa, ele ajoelha-se, pedindo-lhes perdão no silêncio da sua prece.

A passagem do *evangelho* saramaguiano em que Jesus é levado ao palácio de Pilatos, é uma retomada do episódio bíblico d'A *coroação de espinhos*, no qual também percebemos um indício de carnavalização, sendo que no romance ela é intensificada. Nele, Jesus é levado até o interior do palácio e, em seguida, vestido com um manto de cor púrpura e sobre a sua cabeça é posta uma coroa de espinhos, depois os soldados começam a gritar: “Salve, o rei dos judeus! E batiam-lhe na cabeça com um caniço. Cuspiam nele e, de joelhos, o adoravam. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a púrpura e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes. (A *Bíblia de Jerusalém*, 1995, p.1923).

No romance percebemos o predomínio dos traços carnavalescos em toda a obra, assim como neste episódio em que é narrada a curiosidade de muitos que queriam “[...] ver que cara fazia um rei quando o levavam pelas ruas [...] de mãos atadas como um criminoso comum [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 440). Ainda na mesma passagem em que Jesus caminha até o palácio de Pilatos, percebemos o crescente destronamento do rei dos judeus:

[...] maltrapilho, barbudo e descalço de túnica manchada de nódoas antigas e recentes, [...] seguro de si como se fosse, de facto e de direito, uma real pessoa, a quem, por ser tudo isto um deplorável mal entendido, não tarda que venham restituir a coroa, o cetro e o manto [...] (SARAMAGO, 1995, p. 441).

Outra passagem da obra em que observamos a carnavalização de Jesus, se refere ao interrogatório do governador que é uma retomada da passagem bíblica *Jesus perante Pilatos* e, na qual ele é interrogado pelo governador se afirmava ser o rei dos judeus, mas limita-se a responder:

[...] Tu o dizes, e diante das acusações dos chefes dos sacerdotes Jesus recusa-se a se defender. Também a multidão implora a Pilatos que solte Barrabás e, crucifique-o. Ao que ele termina por ceder, mesmo não estando convencido da culpa do réu. (A *Bíblia de Jerusalém*, 1995, p.1922).

No romance, o interrogatório aparece de forma mais detalhada e, quando perguntado sobre a sua origem e como poderia um filho de carpinteiro tornar-se rei, ele responde: “[...] Se um rei pode fazer filhos carpinteiros, um carpinteiro deve poder fazer filhos rei [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 444).

A passagem dos *evangelhos* sinóticos *A morte de Jesus* é relatada pelos evangelistas como um acontecimento sobrenatural, em que pairam sobre a terra as trevas. Naquele instante, Jesus solta um grito, dizendo: “Deus meu, Deus meu por que me abandonaste?” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, p.1923). Depois disso, expira. Neste momento, alguns dos presentes começaram a crer que ele era realmente o filho de Deus. Após três dias, Jesus ressuscitará, tal como havia profetizado.

Já, no romance a sua crucificação é concebida - sob a perspectiva do realismo grotesco, como uma aproximação do “baixo” representado pela terra, vista como o “princípio da absorção” (BAKHTIN, 1991, p.20). Esta passagem nos remete à “humanização” de Jesus, em que a sua morte e o seu nascimento são rebaixados ao plano terreno. Este fato também aparece simbolicamente representado pela “tigela negra para onde seu sangue gotejava” (SARAMAGO, 1995, p.444).

A nossa pesquisa parte do princípio de que a obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago não se constitui numa negação pura e simplesmente do texto bíblico, mas que, ao contrário disso, se apresenta como mais uma versão da vida de Jesus, ao lado de outras que também se propuseram à realização dessa tarefa.

O *evangelho* de Saramago não pretende assumir o papel de mais um testemunho bíblico sobre a vida de Jesus: o seu caráter não é doutrinário, mas ficcional. O escritor, assim como os demais evangelistas, julga-se no direito de fazer uma releitura deste tema tão recorrente na literatura ocidental, talvez partindo do princípio de que ainda existem muitas lacunas da vida do Jesus histórico a serem preenchidas, principalmente no que diz respeito ao período compreendido entre a sua adolescência até a fase adulta.

Referências

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

BAKHTIN, M. *A Cultura popular da Idade Média e do Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

FERRAZ, Salma. Confluências Textuais no (Des) Evangelho Segundo José Saramago. *Uniletras*, 18, dez/96. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa. p. 23-36.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1985.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STAM, Robert. *BAKHTIN. Da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática, 1992.